

Diálogos entre Teoria e Literatura: a escrita de Freud

Larissa de Assis Pimenta Rodrigues, UFOP¹

Resumo

Este artigo investiga as possibilidades de uma escrita da história com abordagem interdisciplinar, explorando a categoria de escrita cunhada por Sigmund Freud como “Ficção Teórica”. Esta modalidade de escrita é encontrada nos escritos de Freud principalmente ao relatar casos clínicos nos quais ele lançava mão de recursos literários para compor verdadeiros contos que articulavam ficção e teoria psicanalítica. Tal escrita suscita interpretações para além do que foi pretendido transmitir, como traços culturais ou aspectos subjetivos da época e dos indivíduos. Isto é, ela seria capaz de revelar elementos de um inconsciente coletivo, através de vocábulos usados, escolha de temas, valores morais, etc. Portanto, a ficção teórica não é uma nova forma de teorização, mas suscita interpretações e produz sentidos que seriam imprevisíveis pela teoria pura.

Palavras-chave: Ficção teórica, literatura, psicanálise.

Abstract

This article intends to investigate the the writing of History with an interdisciplinary approach, exploring the category of writing coined by Sigmund Freud as "Theoretical Fiction". This kind of writing is found in Freud's reports of his clinical cases, in which he used literary resources to compose true tales articulating fiction and psychoanalytic theory. This writing raises interpretations beyond what was intended to convey, such as cultural traits or subjective aspects from the periods and its individuals. That is, it would be able to reveal elements of a collective unconscious through used words, choice of themes, moral values, etc. Therefore, Theoretical Fiction is not a new form of theorizing but it raises interpretations and produces meanings that would be unforeseen by pure theory.

Keywords: Theoretical Fiction, literature, psychoanalysis.

Introdução

Esta pesquisa investiga as possibilidades da escrita da história enquanto uma escrita que investe em uma abordagem interdisciplinar, especialmente tendo em vista uma articulação entre a história, a psicanálise e a mística. Para tanto, a pesquisa adotou como principal aporte teórico os textos de Michel de Certeau, autor que aproxima a escrita histórica com a escrita psicanalítica, com enfoque, principalmente, sobre o uso do recurso da *Ficção Teórica*. Este é um termo cunhado por Sigmund Freud, intelectual cujo tipo de escrita daremos realce nesta reflexão. De acordo com Rodrigo Orellana,

O discurso de Freud seria a ficção que retorna na seriedade científica, não exclusivamente como objeto de análise, mas como a sua forma. Desta maneira, o relato freudiano combina no texto as estruturas patológicas com uma “história do sofrimento” que se retrotraí ao drama familiar ou ao mito

¹ Mestranda em História Pela UFOP com pesquisa financiada pela FAPEMIG.

cultural; uma matriz que se reproduz na interlocução terapêutica através do cruzamento entre a narração fragmentária do paciente e a restauração narrativa do médico. O uso literário, portanto, não se oporia aqui à interpretação histórica. (ORELLANA, 2012, p. 19).

Desta maneira, segundo Michel de Certeau,

Essa ficção-científica funciona, à semelhança de outras heterologias, no ponto de junção entre discurso científico e linguagem ordinária, exatamente no ponto em que o passado se conjuga com o presente e em que as indagações sem tratamento técnico retornam como metáforas narrativas. (CERTEAU, 2011, p. 63).

Lembremos ainda que Certeau

[...] participou ativamente como membro da Escola Freudiana de Paris, idealizada por Lacan, desde sua fundação em 1964 até sua dissolução em 1980. Apesar de sua filiação à instituição psicanalítica, Certeau não se autorizava como psicanalista. Era como historiador que buscava na psicanálise elementos para realizar seu ofício. (COSTA, 2012, p. 295).

Assim, Certeau analisa a escrita histórica de Freud, considerando que aquele psicanalista propõe uma outra leitura do documento histórico, não restrita a uma relação direta entre relato e acontecimento.

A Ficção teórica em Freud

Moisés e o Monoteísmo é um exemplo interessante para o modelo de escrita proposto neste artigo. Este fora o último texto de Sigmund Freud, redigido em 1939, pois o autor faleceu logo depois, no mesmo ano. Ele é tido como um “romance histórico”, configuração textual que articula imaginário e realidade vivida. Nesta obra, Freud aborda a reelaboração do recalcado pelas religiões monoteístas, especialmente pelo Cristianismo, buscando o fato originário do assassinato do Pai, que para os judeus seria o profeta Moisés. Até hoje este fato se repetiria como forma de reafirmação do ressentimento: a eucaristia simularia a morte de Cristo, que imitaria a morte de Moisés, que imitaria, por sua vez, a morte do Pai.

De fato, Freud sempre dirigiu um interesse sobre as obras literárias (Freud recorre frequentemente a romances, mitologia, novela, ficção, etc.). Mas tal interesse não se explica pelo conteúdo da obra, e, sim, pela forma como a literatura mobiliza sentidos de uma cultura, pois aquilo que Freud encontra na obra literária não é um inconsciente coletivo cristalizado pelo texto, mas expressões de um inconsciente comum, originado e organizado pela cultura.

Pensando nessas aproximações teóricas, tanto a psicanálise quanto a história e a literatura são práticas textuais que se encontram no campo da linguagem. A linguagem é, segundo Saussure, a primeira instituição à qual todo significado se subordina; Já Lacan, evoca a linguagem como O Grande Outro (PISANI, 2007, p. 191). A literatura é, dessa forma, o campo em que se elaboram os significados sociais, e, portanto, ela é condição e possibilidade para a prática da psicanálise, pois revela não um inconsciente coletivo *a priori*, mas efeitos comuns de interpretação deste.

Se, por vezes, a psicanálise e a literatura se apresentam como pares opostos, como sentido literal/figurado, ficção/realidade, sério/pouco sério; por outro lado é possível dizer também que elas se encontram dentro uma da outra. Assim, a literatura motiva e habita nos conceitos fundamentais da psicanálise (exemplo: complexo de Édipo, Narciso, Eros, Marquês de Sade).

Assim, diz-se que a obra literária é o *inconsciente* da psicanálise: com seu caráter dinâmico, espontâneo e expressivo, ela faz emergir temáticas inconscientes, obscuras para o sujeito criador, este que numa escrita puramente teórica, iria se ater aos modelos pré-concebidos e já elucidados. Por isso mesmo, a obra literária é necessária, já que evoca elaborações ainda não elucidadas. Então, como diz Foucault, a ausência de obra é a própria loucura (porque corresponderia à eterna repressão das pulsões).

A escrita dos casos clínicos de Freud também faz uso do recurso literário, ao relatar em forma de novela. A descrição do caso demanda uma retórica peculiar do romance, para ambientar o leitor à situação específica do personagem, que se identifica com situações típicas de uma história de sofrimento. Sendo assim, a literatura antes rechaçada como ficção pura, poderia retornar como forma teórica, pois, como relato de caso, ganha toda propriedade como base e como meio para as formulações teóricas.

Entre a História e a Psicanálise

Em seu texto *Psicanálise e história*, Certeau argumenta que a psicanálise se articularia a partir de um processo que seria o núcleo da descoberta freudiana: o retorno do recalcado. Este retorno mobiliza uma concepção de tempo e memória que concebe a consciência como tanto a máscara ilusória, como o vestígio de acontecimentos que organizam o presente. Se o passado é recalcado, ele retorna, sub-repticiamente, ao presente do qual havia sido excluído. [...] Dessa forma, haveria uma “inquietante familiaridade” desse passado que um ocupante atual rechaçou (ou acreditou ter rechaçado) para poder apropriar-se de seu lugar. “O morto assombra o vivo, ele ‘re-morde’

(mordida secreta e repetida).” (CERTEAU, 2012, p. 71 apud MIRANDA JUNIOR, 2017, p. 94).

Mas, para tanto, o historiador e o psicanalista se veem enfrentando a tensão entre o discurso e o real. De fato, o historiador não pode se ater às representações, ao mero campo discursivo. Deve levar em conta a materialidade dos acontecimentos, no seu registro e, ainda que, indiretamente, na remissão ao seu viver. Da mesma maneira o psicanalista também deve atentar ao cotidiano vivenciado e narrado pelo paciente, percebendo os sinais de realidade nos fantasmas e vice-versa.

Esta imbricação interdisciplinar entre história e o psiquismo social pode ser remetida à múltiplas frentes, da Alemanha de Wundt e seu estudo das pulsões coletivas, ao final do século XIX, à atenção promovida por historiadores próximos à vertente romântica francesa, como Michelet. No século XX, os fundadores da *École des Annales*, Marc Bloch e Lucien Febvre ganharam renome por ter reintroduzido o interesse pelas dinâmicas econômicas e sociais, nestas incluído o estudo das mentalidades, com fortes inspirações na sociologia dukheimiana.

Pós Segunda Guerra, a história das mentalidades se eclipsou um pouco, mas retornou com força nos circuitos acadêmicos nos anos sessenta. Três fatores podem ser citados para essa retomada. Primeiro, ela se apresentava como alternativa à dicotomização que certas correntes marxistas promoviam entre infraestrutura e superestrutura, acompanhada pela teoria do reflexo cultural acerca do econômico. Segundo, a história das mentalidades dialogava com o freudismo, lançando olhares ao “inconsciente social”, terreno que até então fora considerado praticamente inacessível para a disciplina historiográfica.

De fato, a obra de Freud se mostrou aporte, sobretudo, para a interpretação certa das revoltas populares e de movimentos associados à histeria de conversão (DOSSE, 2003, p. 99). Emmanuel Le Roy Ladurie escreve: “Para nós, Sigmund Freud nunca havia sido velho. Nem sequer simplesmente maduro” (apud DOSSE, 2003, p. 98). Em terceiro lugar, a história das mentalidades alarga as incursões temporais da historiografia na perspectiva da longa duração e, sobretudo, do entrecruzamento dos tempos, enfoque caro à psicanálise.

Após este segundo ápice interdisciplinar entre historiografia e psicanálise, emergiram outras tantas questões que demandaram da teoria da história maior atenção quanto às balizas de tal diálogo, a fim de não ocorrer uma reificação ou instrumentalização conceitual ou metodológica de uma disciplina para outra: “Os conceitos de uma teoria são relativos às

operações que ela induz. Não poderiam converter-se em objetos de outra disciplina, por exemplo, à história que tem suas regras e seu aparato próprio” (*apud* DOSSE, 2003, p. 100).

Além disso, segundo Certeau, a história e a psicanálise têm que trabalhar com a memória, seus retornos, suas fronteiras que incidem no atual, mas que possuem formas distintas de lidar com o tempo. A psicanálise trabalha os traços memoriais contidos *no* presente, enquanto a história postula um corte, uma descontinuidade entre a dimensão memorial e o momento de sua atualização. A primeira reconhece um *no* outro, a segunda, um *ao lado do* outro. (*Ibidem*, p. 100).

Entre a Literatura e a Psicanálise

De fato a literatura surge como predecessora da psicanálise, e, entre elas, surge uma relação-disjunção no que tange às práticas de linguagem das duas. Elas envolvem a leitura/escuta e a escrita, que ao se elaborarem, compõem também um hipertexto, um lugar comum para aquela época e lugar, o que se apreende no texto, mas não se quis representar, o que está contido nas entrelinhas.

Essa relação-disjunção põe em cheque a ideia moderna do Iluminismo de que o saber e a verdade se produzem apenas no campo das ciências e da técnica, na instituição acadêmica. Mas a psicanálise tem como característica o fato de sempre estar em diálogo com outras disciplinas. Por isso mesmo, Freud sempre fez dialogar o discurso médico com o saber popular, a literatura, a estética, e as ciências sociais. Porém, para esse fim, ele teve de resgatar o mito – que a seriedade científica havia eliminado – como fonte de verdade. E isso se fez tanto no nível particular, como coletivo, apreendendo conteúdo individual, de histórias pessoais, e também conteúdo comum ao ser humano, universal, ou de certa coletividade.

Sobre o caso Schreber

Para uma melhor compreensão dessa possibilidade de escrita, um caso clínico emblemático analisado por Freud foi o de Daniel Paul Schreber:

Durante a noite [...], uma noite única, o deus inferior (Arimã) apareceu... Diante das janelas de meu quarto de dormir, sua fala repercutia com uma pujante voz grave... O que era dito soava de um modo que não era absolutamente amigável. Tudo parecia calculado para me inspirar temor e estremecimento; além disso a palavra podridão (*Luder*) fez-se ouvir várias vezes [...] Mas o conteúdo de todas as afirmações era autêntico (*echt*), nenhuma frase apreendida de cor... Assim, a impressão verdadeiramente

dominante em mim não era o temor, mas a admiração diante do grandioso e do sublime [...]. (CERTEAU, 2011, p. 189).

Em resumo, Schreber fora um paciente psicótico que escreveu sobre sua própria patologia, esta, analisada por Freud. O doente foi um alemão do fim do século XIX, doutor em direito, que ao sofrer uma drástica derrota política, caiu em depressão e passou a sofrer alucinações. Nestas, ele tinha visões nas quais se encontrava diante de Deus (o deus Arimã), que o tornaria o grande redentor da humanidade. Mas, em troca, Schreber seria humilhado, chamado de “Luder”, que corresponde a “lixo”, seria emasculado e transformado na concubina do Senhor.

Primeiramente, é importante identificar como Schreber descreve esse “Deus inferior” Arimã. De acordo com Freud, “A atitude de nosso paciente para com *Deus* é tão singular e cheia de contradições internas, que exige mais que um pouco de fé persistir na crença de que, não obstante, existe ‘método’ em sua ‘loucura’.” (FREUD, 1980, p. 15). Ocorre que o próprio Deus não é uma entidade simples. Segundo Freud, havia o próprio Deus, acima das antessalas do céu, mas nos domínios anteriores do céu, eram divididos em duas partes, com um deus inferior (Arimã), mais ligado aos povos de uma raça escura, e um deus superior (Ormuzd) ligado a uma raça loira (arianos) (Ibidem, p. 16).

O deus que veio a Schreber foi o deus mais duro e opressor, análogo às figuras de autoridade que Schreber tinha em sua vida: sua família, de uma linhagem protestante muito rigorista e repressora dos exageros do corpo e impulsos sexuais, seu pai; que fora um médico ortopedista que prezava por uma busca de engrandecimento espiritual; o seu médico Flehsig, com o qual ele tinha uma relação igualmente submissa e na qual ele relatava se sentir abusado; e por fim, o Senado alemão e a estrutura política que ele considerava uma “ludertum”, uma podridão na qual ele estava inserido, ele também seria lixo, seria em suas palavras, “Luder”.

‘Luder’, tem conotações particularmente ricas no contexto dos tormentos de Schreber. Ela de fato pode significar ‘ordinário’, no sentido de uma figura perdida e patética, mas pode também significar vigarista esperto ou patife, além de prostituta, vagabunda ou puta, e por último, a carne morta ou putrefaciente de um animal, especialmente no sentido da carniça usada como isca na caça. (SANTNER, 1997, p. 57).

Sendo assim, em sua psicose, ele se depreciava ao se identificar como podre, vadia, puta, que são todos sinônimos de “Luder”, mas também se identificava. Às vezes como mulher, como homossexual ou como judeu. Aqui, sua escrita autobiográfica nos revela o inesperado, traços fundamentais dos valores daquela sociedade. Ocorre que a “Alemanha

particular de Schreber”, como diz Augusto Cesar Francisco, revelava-se um ambiente historicamente determinado pela misoginia, homofobia e antissemitismo (FRANCISCO, 2004/2005, p. 341).

A Alemanha à época de Schreber era então extremamente classicista e segregadora, tendo também outros alvos de exclusão e depreciação além de mulheres, homossexuais e judeus. Essas são três figuras cujo não reconhecimento social é indispensável para compreendermos as elaborações simbólicas de Schreber ao criar uma situação de completa degradação de si diante de Deus. Estes seriam os representantes do mais baixo nível da Alemanha particular de Schreber, os representantes do Ludertum da época.

Certamente essa formação histórica singular – misógina, antissemita e homofóbica, influenciou Schreber em suas paranoias, bem como Freud em suas interpretações. Para um homem do fim do século XIX, um alemão pertencente à elite, que seja por qual razão for, passa a ter perturbada a identificação com sua posição, fica automaticamente na posição simbólica das figuras marginalizadas dessa cultura.

Schreber escrevera sua autobiografia, com o nome de “Memórias de um doente dos nervos” (1903) e seu caso foi usado como testemunho de uma situação tão particular, e ao mesmo tempo com aspectos comuns. Percebe-se que a escrita literária, (ou neste caso autobiográfica) revela ainda mais do que se propõe, já que, ao fazer uso da linguagem, evoca elaborações do inconsciente, que fogem ao próprio criador, este que domina a técnica científica.

Porém a relação entre Freud e a produção artística não é assim tão direta nem simples. O método de Freud não é previsível, como subtrair o sublime da arte e poesia, para reduzi-las a uma economia sexual das pulsões. O que ele busca na arte é o testemunho que elas dão em favor da racionalidade contida na fantasia. E, assim, reinscreve a racionalidade científica onde esta havia sido excluída.

O caso de Jeanne des Anges

Por fim, observamos mais um caso de uso da linguagem fictícia – aqui em sua forma mais corporal – para compreender as instabilidades históricas em uma determinada comunidade. Em resumo, o caso de Jeanne des Anges se passa na França do século XVII. Jeanne, quando ainda criança, sofreu um acidente que lhe deixou com a coluna torta, e com isso, seus pais lhe enviaram para os cuidados de uma tia beneditina, na esperança de que Deus lhe recompensaria na vida no convento.

O fato de ter se separado dos pais e de sua mãe se envergonhar de visitá-la - além de ter passado para os cuidados de uma outra parente muito mais severa, depois que sua tia faleceu - fez de Jeanne uma menina bastante ressentida e de personalidade oscilante, apesar de muito astuta e cativante. Ela aprendeu latim muito cedo e era muito inteligente, além de já manifestar ter visões e desmaios.

Ela seguiu na vida religiosa e ingressou em 1622 no mosteiro das ursulinas em Poitiers. Jeanne teve grande participação na construção do convento das ursulinas em Loudun e veio a se tornar a madre superiora. Em 1632, a vila de Loudun é tomada pela peste, que mata grande parte de sua população e é vista pelos habitantes como castigo divino, porém ninguém do convento é atingido. Quando ocorria o último caso de peste, acontecem simultaneamente as primeiras manifestações de possessão demoníacas entre as freiras. Jeanne foi identificada como a principal receptora dos espíritos e decidiram que os exorcismos deviam se voltar a ela, e, por consequência, as outras freiras também seriam curadas.

Contudo, as intervenções dos exorcistas e dos médicos falharam, e, então, foi convocado o padre Surin, que usara um método novo, pelo qual, em vez de grandes espetáculos públicos, ele dialogava intimamente com as freiras, deixando que falassem e procurando ouvi-las. Isto já salvava Jeanne de uma condição sempre submissa, sufocada pelas autoridades políticas, médicas ou religiosas. E, assim, ela foi liberta daquele mal e saiu em um cortejo pelo país para falar sobre seu milagre. Importante entender também a possessão como uma significação provisória à descontinuidade histórica e teórico-religiosa pela qual passavam com o avanço protestante, do método cartesiano, e por meio desse teatro e do milagre de Jeanne, a igreja se transformou e retomou seu poder.

Na ótica freudiana, o passado fundador das cenas primitivas é rechaçado, apagado pelo presente e, ao mesmo tempo, opera como organizador desse presente. Freud qualifica essa interface entre passado e presente como provocador de uma inquietante estranheza, ou inquietante familiaridade. A tarefa da psicanálise seria, então, a de indicar as raízes recalçadas do padecimento do sujeito. Já a tarefa do saber histórico em relação à psicanálise seria a de elucidar a inferência que esses sujeitos mantêm com as produções de poderes e saberes. Em ambos, ainda, há a incidência da memória, na fluidez dos tempos. E, por que não, um interrogar sobre a possessão, como no caso das freiras de Loudun, esta experiência que, nos estudos de Certeau,

Ao mesmo tempo em que revela algo que já existia, faz emergir algo diferente e novo. O discurso da possessão engloba uma diversidade de elementos vindos do passado; mas há também uma singularidade que orienta

esses elementos, os condiciona ao feitiço inicial, e se torna a linguagem do indizível. Metáfora da confusão, o fenômeno da possessão em Loudun pode ser considerado como um “precipitador” no sentido químico da palavra (algo que possibilita uma reconfiguração dos elementos), deslocando os conflitos de seus verdadeiros focos (a luta entre o poder religioso e o poder leigo, entre as formas míticas de conhecimento e a racionalidade nascente), e paradoxalmente, com isso facilitando tomadas de posição no sentido de uma futura saída. (BITTENCOURT, s. d.).

Assim, por possessão, Certeau entendia um “[...] teatro, onde se representam questões fundamentais, mas à maneira de uma encenação [...]. Então, no pequeno teatro da possessão, representa-se uma modificação das estruturas epistemológicas, políticas e religiosas de uma época.” (CERTEAU, 1982, p. 244). De acordo com Certeau, a possessão pode ser considerada como uma linguagem, a expressar um sintoma, na articulação da experiência individual, perpassada por padecimentos, com um contexto sociocultural atingido por forte crise de significação (WIRTH, 2016, p. 276).

Conclusão

Em geral, a psicanálise baseia sua teoria, técnica e fundamento em sua prática clínica. Não se trata de analisar o autor da obra, mas testemunhos de artistas para fundamentar seu trabalho teórico. Nos testemunhos mencionados, Freud encontra traços do inconsciente que mostram uma fissura com o homem da Ilustração. Encontra racionalidade em um universo de fantasia, e é nessa constelação, de histórias de padecimentos de sujeitos, que Freud restitui sua obra.

Não se trata então de selecionar obras clássicas por sua beleza, influência e qualidade formal, mas trabalhar com um campo discursivo de um tempo determinado. Assim, se encontram marcos epistêmicos, articulação e continuidade entre as obras, definindo certas ideias de pensamento e certas ideias de escritura. Desses pensamentos e formas de escrita se depreendem padrões, traços que estão além das palavras usadas, dos significados escolhidos, do estilo adotado, da escolha de abordagem, e etc., Segundo Francisco Pisani, a escrita literária

Es un régimen de pensamiento donde el arte daría cuenta de algo sintomático. Permitiría leer otra cosa en los detalles de la obra, un arte que da cuenta de escenas que son testimonio de una historia que subjaz ao visível, de un mundo que está presto a ser descifrado. El autor con su escritura deviene em arqueólogo, encontrando camadas sepultas de una civilización, recoge vestigios y transcribe los jeroglíficos inscritos en la configuración misma de las cosas oscuras y mediocres. Da a los detalles

insignificantes de la prosa del mundo un poder significate y poético. (PISANI, 2007, p. 171).

O complexo de Édipo, por exemplo, é outro exemplo clássico em que o leitor se reconheceria no personagem, a história despertaria nele uma sensação de continuidade para com o herói trágico. Se Édipo Rei nos “fere”, nos comove, é porque identificamos a realização de nossos desejos infantis encenados no drama. O espectador e o protagonista compartilham dos mesmos desejos, mas se rompem a distância e as resistências que ocorrem no espaço da pura ficção.

Em suma, A escrita puramente teórica do caso patológico como os que Freud analisa não tem uma abrangência necessária para ajudar no reconhecimento e nos tratamentos necessários a cada evento. Mas o fato é que ao se descrever o caso por meio do uso da escrita ficcional, estes se tornam mais coesos, porque se inserem dentro de uma história específica, se tornam mais individuais, precisando com mais cuidado as elaborações subjetivas de um sujeito e seus mecanismos de fuga, reelaboração, recalque, sublimação, etc., promove uma compreensão das simbologias e valores de uma época e de uma sociedade, e por fim, aproxima o leitor do presente ao caso do passado por meio da linguagem e de significados de dor, sofrimento e de ausências que ele partilha.

Referências Bibliográficas

- BITTENCOURT, Maria Inês Garcia de Freitas. **A ruptura da Modernidade: Michel de Certeau e o diabo em Loudun**. Disponível em: <<http://pipa.psc.br/artigos/ruptura-da-modernidade/>>. Acesso em: 29 mar. 2018.
- BITTENCOURT, Maria Inês Garcia de Freitas. **Surin e o encontro com o “pobre”**. Roda de Leitura *A Fábula Mística I* de Michel de Certeau. Centro Loyola de Belo Horizonte, 3 set. 2016. Mimeo.
- CERTEAU, Michel de. **Historia y psicoanálisis**. México: Universidad Iberoamericana, 1998.
- CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **La Possession de Loudun**. Paris, Julliard, 1970.
- CERTEAU, Michel de. **The possession at Loudun**. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.
- COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da. Uma história de possessões demoníacas em Loudun. Uma análise da obra de Michel de Certeau sobre um fato político-religioso. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 11, n. 20, p. 184-195, jul/dez, 2017.
- COUTINHO, Alberto H. S. de Azeredo. Schreber e as psicoses na psiquiatria e na psicanálise: uma breve leitura. **Reverso**, Belo Horizonte, n. 52. set. 2005.

DOSSE, François. Historia y psicoanálisis: genealogía de una relación. **Pasajes: Revista de pensamiento contemporáneo**, n. 11, p. 93-114, 2003.

FRANCISCO, Augusto César. A modernidade schreberiana: abjeção, preconceito e ideologia. **Cronos**, Natal, v. 5/6, n. 1/2, jan./dez. 2004/2005.

FREUD, Sigmund. **O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, volume XII, 1911-1913.

FREUD, Sigmund. O testemunho de Daniel Paul Schreber (1842-1911). In: **Memórias de um Doente dos Nervos** (1903). Construção Hipertextual dos Alunos da Disciplina de Psicopatologia I - UFRGS 2007/01. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/psicopatologia/schreber/>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

MIRANDA JUNIOR, R. F. **Estratégias do tempo e discurso narrativo: relações entre história e psicanálise em Michel de Certeau**. 2017. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ORELLANA, Rodrigo Castro. Michel de Certeau: história e ficção. **Princípios: revista de Filosofia**. Natal, v. 19, n. 31, p. 5-27, jan.-jun. 2012.

PISANI, Francisco. **Literatura e Psicoanálisis: Aproximaciones y Escenas de lo literario en la obra de Freud**. Tesis para optar al grado de Licenciado en Psicología. Santiago, Agosto de 2007.

SANTNER, Eric L. **A Alemanha de Schreber: uma história secreta da modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

SCHREBER, Daniel Paul. **Memórias de um doente dos nervos**. Traduzido do original alemão por Marilene Carone. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

TOMASELLI, Tovar. **Daniel Paul Schreber e a Psicose. Sob a Lente da Psicanálise**. Redepsi, 2007. Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/2007/10/13/daniel-paul-schreber-e-a-psicose>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

WIRTH, Lauri Emilio. Religião entre o instituído e as vivências cotidianas: chaves de leitura a partir de Michel de Certeau e Veena Das. **Caminhos**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 275-290, jan./jun. 2016.